

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT  
PSICOLOGIA**

**ELIZABETH FERNANDES RIBEIRO**

**AS INFLUÊNCIAS DOS DESENHOS ANIMADOS NO  
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

**ATIBAIA, SP  
2021**

**ELIZABETH FERNANDES RIBEIRO**

**AS INFLUÊNCIAS DOS DESENHOS ANIMADOS NO  
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como exigência parcial para obtenção do grau de  
Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário  
UNIFAAT sob orientação do Professor Me. Rafael  
da Nova Favarin

**ATIBAIA, SP**

**2021**

Dedico este trabalho à minha família, que sempre torceu pelas minhas conquistas

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho às seguintes pessoas:

À Deus, por me proporcionar força e condições para prosseguir.

Ao meu Professor Orientador Me. Rafael da Nova Favarin, por apoiar todo o processo deste trabalho e acreditar em minha capacidade.

Aos meus pais, Manoel Ribeiro Neto e Ezilda Fernandes da Silva por me proporcionarem toda base para conquistar meus objetivos e me incentivarem a cada momento.

À minha irmã Ester Caroline e ao meu companheiro Luis Emanuel, por estarem sempre ao meu lado neste processo, me incentivando a continuar.

Aos meus amigos, Priscilla Mazeto, Gabriel Cunha, Raiane Aparecida, Ana Beatriz, Carlos Eduardo, João Francisco, Murilo Marchesini, Ameliane Moraes e sua família, Lorena Oliveira e sua família, Andrey Callub e sua família, que estiveram comigo durante este tempo.

Aos meus professores, Dr. Geraldo Fiamenghi Junior, Dra. Ana Claudia Verzolla e a Me. Émerson Domingues da Silva (em saudosa memória), Dr. Tácito Carderelli da Silveira, Dra. Maria Cristina Zago, Ma. Bruna Praxedes Yamamoto de Freitas, Ma. Valéria Lia Sganzerla Provedel, Dr. Paulo Artur Malvasi, Dra. Paula Costa de Andrada, Prof. Fábio Baptista Mazzini.

À psicóloga Andrea Cristina Bruno, que me ajudou a me entender e a conseguir continuar.

“As histórias de fadas falam ao nosso consciente e ao nosso inconsciente e, por conseguinte, não precisam evitar as contradições, já que elas coexistem facilmente no nosso inconsciente”.

(Bruno Bettelheim)

## RESUMO

Esse trabalho procurou explorar os efeitos dos desenhos animados no desenvolvimento infantil. Partiu-se do pressuposto que a infância é um período crucial para o desenvolvimento e na atualidade observa-se um consumo dos novos contos de fadas: os desenhos animados. Dessa forma o objetivo desse trabalho buscou identificar as influências do papel desempenhado dos desenhos animados no desenvolvimento da criança. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com base em artigos científicos sobre o tema, bem como análise de livros sobre contos de fada e desenvolvimento infantil. Sobre o desenvolvimento infantil, nota-se a importância do ambiente facilitador para a exploração da criança, bem como todas as fases serem importantes no desenvolvimento, ressaltando a projeção dos pais, que influencia de maneira direta como os filhos irão se comportar. Nota-se na atualidade, que ambos os pais trabalham fora gerando a necessidade de que a criança seja supervisionada ou que esteja protegida. O que ocorre é a presença excessiva de eletrônicos e da televisão como veículos mediadores e educativos na formação da criança. Os desenhos animados são de certa forma, contos de fadas, que agora são transmitidos por telas, levando aprendizados, experiências, dilemas etc. para a criança. Um dilema a ser discutido é: quais conteúdos a criança assiste, bem como a delegação da tarefa de cuidados dos pais para a televisão. Discutiu-se que, por um lado, deve haver uma atenção dos pais com os conteúdos assistidos pelas crianças, bem como um ambiente que facilite a exploração e aplicabilidade dos conteúdos que a criança pode desenvolver através do contato com os desenhos animados e seu possível conteúdo educativo.

**Palavras-chave:** Desenhos Animados. Conto de Fadas. Psicanálise. Desenvolvimento.

## ABSTRACT

This work sought to explore the effects of cartoons on child development. It started from the assumption that childhood is a crucial period for development and nowadays there is a consumption of new fairy tales: cartoons. Thus, the objective of this work sought to identify the influences of the role played by cartoons in child development. For this, a bibliographical research was carried out based on scientific articles on the subject, as well as an analysis of books on fairy tales and child development. Regarding child development, it is noted the importance of the facilitating environment for the child's exploration, as well as all phases being important in development, highlighting the parents' projection, which directly influences how their children will behave. It is currently noticed that both parents work outside the home, generating the need for the child to be supervised or protected. What happens is the excessive presence of electronics and television as mediating and educational vehicles in the child's education. Cartoons are, in a way, fairy tales, which are now transmitted through screens, bringing learnings, experiences, dilemmas, etc. for the child. A dilemma to be discussed is: what content the child watches, as well as the delegation of the parental care task to television. It was argued that, on the one hand, parents should pay attention to the content watched by children, as well as an environment that facilitates the exploration and applicability of the content that the child can develop through contact with cartoons and their possible educational content.

**Keywords:** Cartoons. Fairy tale. Psychoanalysis. Development.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....                              | 8  |
| <b>MÉTODO</b> .....                                  | 10 |
| <b>1. AS FASES DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL</b> ..... | 11 |
| 1.1 Projeção dos pais.....                           | 13 |
| <b>2. ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS</b> .....           | 16 |
| 2.1 Contos de fada na atualidade.....                | 18 |
| 2.2. A influência dos desenhos animados .....        | 20 |
| <b>DISCUSSÃO</b> .....                               | 26 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                    | 29 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                             | 30 |



## INTRODUÇÃO

Os desenhos animados estão constantemente voltados ao público infantil, se assemelhando aos contos de fadas, que de acordo com Safra (2005, p.21), “é uma forma de expressão mais próxima daquela que naturalmente é utilizada pela criança na organização, elaboração e superação de seus conflitos psíquicos”.

A infância é um período de extrema importância para o desenvolvimento, pois, segundo Freud (1900/1980 apud ZAVARONI et al. 2007), é o período no qual se constrói o psiquismo. Sendo assim, determinados eventos ocorridos na primeira infância podem acarretar, posteriormente, em consequências ao desenvolvimento.

Com esse mesmo raciocínio, Bettelheim (1980), aponta que os contos de fada disseminam mensagens do consciente ao inconsciente, dedicando-se às dificuldades humanas, especialmente as infantis, encorajando o desenvolvimento e aliviando as pressões inconscientes e pré-conscientes.

Além disso, os desenhos animados, que são frequentemente acompanhados pelas crianças, através da internet e também por canais televisivos, possuem um grande poder de atração às crianças, tanto pelos fatores relacionados à imagem (cores, animações, aparência dos personagens e do ambiente que apresenta), quanto ao conteúdo, que se assemelha com o universo infantil, porém com algumas características do universo adulto, trazendo indagações que estão ligados à valores, ensinamentos morais, conhecimentos e atitudes diante às situações. Sobre isto:

A criança é receptiva das mensagens veiculadas na TV, ela as recria de acordo com suas experiências, um processo de troca de conhecimentos. Ela incorpora o que vê e ouve de maneira criativa, retirando o que possui algum sentido e/ou significado para ela, naquele momento (SILVA JÚNIOR; TREVISOL, 2009, p.5026).

Sabendo disso, este trabalho irá pesquisar a influência de desenhos animados, quais efeitos poderão acarretar no desenvolvimento infantil e quais elementos dos desenhos possuem esse poder de influência, partindo da seguinte questão: Como os desenhos animados podem influenciar no desenvolvimento infantil?

Este estudo tem como objetivo identificar as influências do papel desempenhado dos desenhos animados no desenvolvimento da criança, pelo viés da psicanálise, e desta forma, como objetivos específicos, analisar o mecanismo de introjeção nas primeiras relações infantis, relatar o histórico da produção dos

desenhos infantis como representação social e analisar como funciona a influência dos desenhos animados no desenvolvimento da criança.

Como análise, temos as seguintes hipóteses: os desenhos animados podem servir de modelo idealizado pela criança para o desenvolvimento da sua personalidade; os desenhos reforçam a identidade da criança pela identificação com o personagem; a criança projeta no personagem de um desenho animado, o ideal criado pelos próprios pais; os desenhos podem trazer questões morais que podem ser aprendidas pelas crianças.

A escolha deste tema se deve a um desenho animado que aborda questões sobre relações sociais e dilemas morais, que inspirou a autora a pesquisar sobre o tema "A influência dos desenhos animados no desenvolvimento infantil" e questões a serem analisadas e observadas sob a luz da psicanálise.

Pode auxiliar no desenvolvimento de outras pesquisas bibliográficas, servindo como um material de apoio para outros acadêmicos e pesquisadores do desenvolvimento infantil.

Pode também ser utilizado como material para educadores, pais e responsáveis, usufruindo do conteúdo de modo informativo. Poderá ser utilizado de forma preventiva sobre o conteúdo apresentado para as crianças na televisão, internet e materiais didáticos. Sendo capaz também de aumentar a compreensão sobre o tema abordado.

## MÉTODO

Este trabalho foi feito a partir de pesquisas bibliográficas, artigos científicos sobre o tema abordado, e pesquisas com diferentes visões para um aprofundamento deste trabalho.

Uma pesquisa científica:

[...]é aquela que utiliza o método científico (indução, dedução, elaboração de hipóteses, variáveis...) para mostrar uma dada relação entre os fatos ou fenômenos, com o fito de submeter a teste determinada hipótese. É o processo de obter soluções fidedignas para um determinado problema, por meio de coleta planejada e sistemática, análise e interpretação de dados. (MACEDO, 1995, p.11)

Já em relação à pesquisa psicanalítica, Hermann (2004, apud TAVARES e HASHIMOTO, 2013), cita a “clínica extensa” ou “clínica em extensão”, no qual se tratam de pesquisas com base na sociedade, cultura e vários campos que possibilita a compreensão psicanalítica.

A partir do referencial teórico utilizado, os materiais foram selecionados pelo tema, ano de publicação e palavras-chave através das plataformas: SciELO, livros digitais, revistas de universidade, Google Acadêmico, artigos científicos relacionados ao tema. Em seguida foi feita uma nova apuração de acordo com seus respectivos resumos, para que então sejam estudados por completo e então feita a análise e interpretação dos dados obtidos durante a pesquisa, assim como a elaboração do texto.

## 1. AS FASES DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Neste capítulo, falamos sobre as fases do desenvolvimento infantil, embasadas nas teorias de Freud (1905), que pontua que as características sexuais infantis são, neste caso, autoeróticas, ou seja, são achadas em seu próprio corpo, a fim de que obtenham o prazer para si de maneira independente, não sendo dirigido para outras pessoas.

As organizações sexuais pré-genitais, que são as composições da vida sexual que ainda não são predominantes, mostram-se em fases: sendo a primeira a oral, relacionada a nutrição, nesta fase a atividade sexual está relacionada à ingestão de alimentos, o objetivo sexual é a incorporação do objeto, que futuramente irá se tornar a função de identificação.

Um exemplo mostrado pelo autor, seria o ato de chupar o dedo, em que se desprende da alimentação, trocando por um objeto do seu próprio corpo, conduzindo ao adormecimento, ou até um orgasmo, pois pode estar combinada com a fricção de alguma parte sensível do corpo, e este ato de sucção pode progredir até o fim do desenvolvimento, ou pode permanecer pela vida toda. Este ato é determinado pela procura de um prazer vivenciado que agora remete, desta forma, relaciona à um episódio em que presenciou uma experiência de prazer (neste caso sendo a amamentação) que sente a necessidade de retomar o comportamento.

Quem vê uma criança largar satisfeita o peito da mãe e adormecer, com faces rosadas e um sorriso feliz, tem que dizer que essa imagem é exemplar para a expressão da satisfação sexual na vida posterior. Então a necessidade de repetir a satisfação sexual se separa da necessidade de nutrição, uma necessidade que é inevitável, quando os dentes aparecem e a alimentação não é mais exclusivamente sugada, e sim mastigada. (FREUD, 1905, p. 86)

A segunda fase de acordo com Freud (1905), é a sádico-anal, no qual a sua localização favorece um apoio da sexualidade em distintas funções corporais, assim, ocorre uma divisão de opostos descritos como ativo e passivo, ela funciona a partir do controle da musculatura erógena do intestino, como forma de controle e/ou dominação. Nessa fase, a criança percebe uma polaridade sexual e o objeto alheio, mas ainda sem uma organização da função reprodutora, esta parte do corpo possui um grande significado, pois esta zona mantém uma capacidade de estimulação genital.

Os distúrbios intestinais, tão frequentes na época da infância, cuidam para que não falem excitações intensas nessa zona. Catarros intestinais em idade

tenra tornam a criança "nervosa", como se diz; em adoecimentos neuróticos posteriores, têm influência determinante na expressão sintomática da neurose e colocam à disposição dela toda a gama de distúrbios intestinais. Quanto à significação erógena da zona da saída do trato intestinal que se conserva, ao menos em forma modificada, não se deve tampouco desprezar a influência das hemorroidas, às quais a velha medicina atribuía bastante peso na explicação dos estados neuróticos (FREUD, 1905, p. 113-114).

O autor discorre brevemente as próximas fases. Sobre a fálica, destaca-se a natureza infantil dos alvos sexuais, após isso, há a latência e em seguida a puberdade que define a vida sexual.

Através desta visão relacionada ao período infantil, vale ressaltar que cada fase da infância é significativamente importante para o desenvolvimento, sendo assim, Freud (1905) ressalta essa importância, pontuando que a infância é o período onde mais se absorve e se reproduz conteúdos observados. Quando fala sobre a amnésia, o autor também ressalta que a investigação psicológica nas pessoas possibilitou a descoberta de que aquilo que foi esquecido na infância, está ligada a traços internos da vida psíquica, sendo elas determinantes para o desenvolvimento pessoal.

Sobre o recém-nascido, Freud (1905) pontua que esta fase possui resquícios de impulsos sexuais que se desenvolvem continuamente, porém são sucumbidos, e essas interrupções são interrompidas por acessos de desenvolvimento sexual, ou características subjetivas, mas esses impulsos apenas se manifestam por volta de três a quatro anos de idade e durante este período de latência é formado os chamados poderes psíquicos, neles está o nojo, a vergonha e as convicções morais e estéticas, que irão afunilar o curso do instinto sexual.

Ainda considerando o desenvolvimento infantil, pode-se ainda citar alguns autores:

Winnicott (1999) considera que um bebê no início da sua vida ainda não estabeleceu a delimitação entre o que se integra no não-EU e o EU, em que os primeiros relacionamentos e a forma em que o meio ambiente se comporta faz parte do bebê, que servirá para a integração e autonomia do sujeito e suas relações objetais, porém, as tendências hereditárias são consideradas por Winnicott, tão externas quanto a capacidade da mãe de ser suficientemente boa, ou seja o ambiente que favorece o aparecimento das tendências hereditárias do bebê, como a tendência à integração e exploração.

Desta forma, o ambiente possui uma grande importância para garantir o surgimento dessas tendências, o bebê nesta fase é completamente dependente deste

ambiente favorável. Winnicott (1999) afirma que essa dependência absoluta, aos poucos diminui, rumando a uma forma de independência que se adapta às necessidades e ao amor em uma criança ou adultos amadurecidos.

### **1.1 Projeção dos pais**

A maneira que os pais influenciam o modo como os filhos devem se comportar de acordo com Harris (s.d. apud ATKINSON et al, 2002), a criança não tem o objetivo de ser como seus pais, mas sim de ser uma criança bem-sucedida. É necessário que as crianças aprendam a viver no mundo fora de casa, pois as regras se diferenciam, pois não devem ser um objeto modelado dos pais.

Como Stern menciona (1997, apud ZORNIG, 2010), os pais ainda no período de gestação tendem a possuir representações relacionadas ao futuro ou até sobre as características da criança que está por vir, e isto pode iniciar muito antes da criança nascer, ou seja, podem estar vinculadas a brincadeiras de boneca, ou até fantasias durante o período da adolescência, idealizando como será quando chegar este momento, sendo assim pode acabar se antecedendo por um longo período.

Ainda com esta visão, Lebovici (1987, apud ZORNIG, 2010) ressalta que o processo de filiação começa antes mesmo da criança nascer, sendo assim, baseado em uma projeção inconsciente ou até consciente de suas histórias de infância, seus conflitos e relações, que cria uma representação de como funcionará todo o processo de desenvolvimento da criança suas relações para que ocorra de uma maneira esperada pelos pais, podendo gerar, desta forma conflitos infantis. Zornig (2010) destaca que essas representações podem gerar diversas interações dos pais e o bebê, podendo tanto facilitar o processo de um desenvolvimento de vínculos afetivos, ou simplesmente dificultá-los, pois, esses afetos são capazes de marcar a relação parental, pois as expectativas dos pais em relação da criança podem frustrá-los caso haja uma falha da criança, e assim de certa forma pode desequilibrar o relacionamento dos pais como um casal.

De acordo com Mannoni (1971 apud PRISZKULNIK, 1995), os filhos acabam sendo marcados pelos seus próprios pais, tanto pela forma de como ela é esperada em seu nascimento, quanto pelo o que ela irá representar para os pais de acordo com suas experiências e vontades, no qual as projeções inconscientes dos pais, poderão impactar na existência da criança. Caso haja uma impressão de impedimento das suas expressões, poderá achar na doença essa forma de manifestar seus sentimentos

e pensamentos. Percebemos então que a maneira de que os pais se projetam em seus filhos, podem atrapalhar em suas expressões.

Freud (1914/1974, apud PRISZKULNIK, 2004) nota que um nascimento de uma criança nunca corresponde o que os pais esperam dela, já que esperam a perfeição, possuem a compulsão de esquecer suas imperfeições, a fim de que esta criança realize todos os sonhos não realizados pelos pais, revelando uma característica narcisista e sua natureza interior. Então é inevitável a idealização dos pais sobre a criança, pois é esperado uma criança perfeita, que se desenvolverá em um adulto perfeito.

Como já citado anteriormente, referente ao desenvolvimento, o bebê é completamente dependente do ambiente. Quando criança, os pais desejam continuar colocando a criança em um papel de dependente, no qual eles podem exercer mais poder sobre a criança que já não é mais tão dependente. Nesta visão, Bowlby (1989), relata um exemplo em que os pais desejam que seus filhos não possuam o conhecimento sobre suas atividades sexuais. Dessa forma, esse comportamento pode ser uma maneira de controlar o que é experienciado e conhecido pela criança, assim, a criança se torna um objeto modelado pelos pais.

Kunsch (2014), também aponta outra forma que os pais podem projetar seus desejos nas crianças é a partir das expectativas criadas para seu futuro: que sejam inteligentes, habilidosos, profissionais brilhantes etc. Essa demanda dos pais e da própria sociedade toma boa parte do tempo livre da criança, muitas vezes com atividades indesejadas pelas próprias crianças. Esse excesso de atividades pode levá-los a exaustão ou até uma dificuldade na autonomia, devido a dependerem de um adulto que as diga o que fazer, na criatividade, por não realizarem bem as atividades das quais não gostam e no brincar, pois as crianças possuem menos tempo livre para isto. A autora considera que esses fatores influenciam em um desenvolvimento saudável, que acaba sendo comprometido devido a interferência dos pais. Essas crianças normalmente quando possuem esse tempo livre sem a supervisão de um responsável, normalmente não sabem o que fazer, pois geralmente não possuem esse tipo de liberdade, porém quando lhe é dado, sempre há alguém que os acompanha e os delimita com regras e ordens.

A autora também aponta que o contexto das famílias se alterou nos últimos anos, visto que pai e mãe não estão em casa, surge a necessidade da supervisão de um outro adulto, seja em casa ou em uma instituição. Já outros pais, buscando manter

suas crianças seguras, acabam deixando-as assistindo TV ou utilizando algum eletrônico, o que acaba gerando prejuízos sociais e físicos, pois há menos contatos com outras crianças, além de se movimentarem pouco.

Além disso, é notado pela autora que quando a criança se vê em meio a muitos bens, atividades e orientações, ela sente mais dificuldade nos relacionamentos com as coisas, incluindo também dificuldade para se satisfazer, para encontrar seu próprio ritmo, interesses pelo mundo e até para ter controle sobre sua própria vida e desenvolver sua autonomia. Com isso, Kunsch (2014), aponta a importância de brincadeiras para o desenvolvimento infantil, contribuindo para aumento da criatividade, da inteligência e da socialização no processo de elaboração da realidade.



## 2. ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

Os contos estão presentes na vida das pessoas desde muito tempo atrás, despertando o interesse de diferentes públicos, como os adultos e crianças. Segundo Coelho (2003), os contos de fadas mostram-se presentes em nossas vidas a bastante tempo, sendo contados de forma oral, possuindo o objetivo de contar alguma história destinada ao público infantil de uma forma lúdica, a fim de divertir essas crianças, mas ainda sim atraindo tanto o público infantil, quanto os adultos até os dias atuais.

Conforme Von Franz (1985), em meados do século XVII os contos de fadas eram direcionados a todos os públicos, mais precisamente aos adultos que pertenciam a classes mais simples como camponeses, sendo passados de geração em geração como uma sabedoria popular. Possuíam também contadores profissionais que eram bastante solicitados, alguns que herdaram isso de gerações anteriores e outros que simplesmente aprenderam com outras pessoas.

A origem dos contos de fada é diversa, sendo elas vindas de doutrinas religiosas, mitos ou de partes da literatura, também podem provir de sonhos que eram contados como histórias. Oliveira (2010), confirma esse apontamento, já que declara que os contos são práticas narrativas bastante antigas, como já dito anteriormente, porém as histórias não eram destinadas às crianças, pois eram mitos divulgados pelos hindus, gregos, judeus e persas. Desta forma, as primeiras histórias eram definidas como mitos, a fim de propagar contos que narravam conflitos entre o homem e a natureza. Mesmo que inicialmente, os contos não tinham o objetivo de destinar às crianças, estando totalmente despreocupados com isso, no século XVIII, passaram a perder o interesse, deixando-as em segundo plano e designados ao universo infantil.

Alguns dos contos quando destinados ao público adulto, possuíam assuntos referentes à violência e sexualidade, Já Perrault, um importante escritor francês, autor de grande número de contos infantis, decidiu então fazer retoques nestes contos originais que referenciam esses assuntos, pondo fim nelas e reformulando-as para que as histórias fossem mais aceitas perante os eruditos. Perrault, portanto, foi considerado como o primeiro autor a reformular essas histórias para serem aceitas pela sociedade. Falconi e Farago (2015) também dão o exemplo do conto da Chapeuzinho Vermelho, em que a versão alterada de Perrault é diferente da versão original.

Falconi e Farago (2015), contam que na versão original do conto da Chapeuzinho Vermelho, finaliza com a vovó dentro da barriga do lobo mal, sem nenhum resgate, ou seja, também sem caçador, tendo uma história sem um final feliz. Assim, essas histórias foram reformuladas para os nobres, pois para eles, nessas histórias não eram interessantes a questão da sexualidade e muito menos da violência.

É interessante saber sobre a redescoberta da literatura oral, em que Hans Christian Andersen escreveu suas obras durante os anos de 1820 e 1872, pois este autor utilizava de uma criação própria para produzir seus livros, ou seja, utilizava de sua imaginação para escrever (FALCONI; FARAGO, 2015).

Falconi e Farago (2015), apontam que no Brasil a comunicação oral facilitou a transmissão de contos populares que permearam a vida de diversas crianças. Essa transmissão oral serviu para a publicação de obras de Perrault e dos Irmãos Grimm para o público infantil brasileiro no século XIX: eles adaptaram as obras européias e produziram traduções para este público. Ao passo que na Europa, essa transmissão oral dos contos infantis não foi utilizada para a criação de seus livros.

Alberti (2014 apud FALCONI; FARAGO, 2015) aponta que é necessária uma grande produção para criar as obras de contos de fadas, devido a necessidade de ilustrações e o uso de várias linguagens diferentes. Essas imagens e formas diferentes de ler os contos nos auxiliam no aumento da imaginação e criatividade para que esse tipo de leitura seja decodificado, sendo de suma importância devido a qualidade das obras que passam a ser admiradas por crianças e adultos.

Von Franz (1985), cita um exemplo de história que pode se observar diversas versões de acordo com várias partes do país, com isso, novos elementos são acrescentados ou alterados a uma história existente, tal como ocorre ao se espalhar boatos. Dessa forma, segundo a autora, uma história pode surgir de sonhos, por exemplo. Se for um assunto relacionado a um evento próximo da comunidade do contador, essa história pode ser amplificada. A história pode ser somente um começo para um conto de fadas, pois os elementos que não são interessantes a uma determinada comunidade serão ignorados, permanecendo apenas os elementos chamados de arquetípicos que normalmente são mais facilmente lembrados.

## 2.1 Contos de fada na atualidade

Os contos de fada mostram quase em uníssono uma mesma mensagem: que não dá para evitar um confronto contra algumas dificuldades da vida e isso faz parte de nossas vivências. Ao mesmo tempo, mostram que se uma pessoa não se deixa abater e se mostra firme contra as opressões, ela poderá superar todos os desafios e será uma vencedora, dessa forma os contos de fada apresentam à criança algumas questões humanas básicas. Porém, os contos mais atuais evitam essa temática existenciais, não falam sobre a morte, o envelhecimento, conflitos, nossos limites e o desejo de superá-los, mesmo que sejam temas importantes para todos. É necessário que a criança receba certas instruções simbólicas sobre como lidar com algumas questões e amadurecer de forma mais saudável (BETTELHEIM, 1980).

O autor também cita que normalmente, faz parte dos contos de fadas apresentar um dilema existencial de forma rápida, com figuras simplificadas, porém apresentadas de maneira clara, com poucos detalhes complexos, tudo isso para que a criança aprenda sobre o dilema através da essência da questão, pois a questão apresentada de forma mais complexa poderia confundir a criança sobre o tema.

Bettelheim (1980), aponta que diferente das histórias modernas, os contos de fadas apresentam o bem e o mal na mesma medida, até porque essa dualidade existe em todo ser humano e isso é o que gera o dilema a ser resolvido. Esse bem e mal costumam aparecer a partir dos personagens e suas ações. Já Von Franz (1985), reforça que as figuras apresentadas nos contos de fadas são polarizadas, isto é, não são ambivalentes, boas e más ao mesmo tempo, tal como nós somos: temos o herói e o vilão, o tolo e o esperto, o belo e o feio etc. Dessa forma, a dualidade de personagens ajuda a criança a compreender as diferenças de personagens, o que seria mais difícil se os personagens fossem mais reais e complexos. Após a personalidade da criança estar mais desenvolvida, ela terá uma base para diferenciar as pessoas e fará escolhas sobre como ela vai ser, o que lhe facilitará o desenvolvimento posterior da personalidade.

Bettelheim (1980) destaca que alguns contos de fadas podem estar a serviço do desenvolvimento positivo da criança, porém há uma ideia geral por parte dos pais, e até de outros cuidadores, de que a criança deve evitar entrar em contato com aquilo que a perturba, ou seja, suas ansiedades caóticas sem nome, sem forma, que podem ser raivosas e até violentas. Dessa forma a criança passa a entrar em contato (por vontade de seus pais ou cuidadores) apenas com imagens agradáveis, positivas e

boas em geral, podendo apenas ver o lado agradável de tudo. Conseqüentemente, uma visão parcial gera apenas um desenvolvimento parcial, porém a vida real não é feita apenas de momentos agradáveis. A partir disso, fica mais difícil que as crianças saibam que boa parte de nossas falhas vem de nosso modo de agir, podendo passar a acreditar que todas as pessoas são boas, mesmo que saibam que elas mesmas não são totalmente boas, o que entra em conflito com o que os pais dizem, fazendo com que se sintam desalinhadas, pois não são boas como todas as outras pessoas (BETTELHEIM, 1980).

Para trabalhar sobre esse mal que há em todo ser humano, falamos sobre um mal coletivo. Von Franz (1985), aponta que dentro de contextos religiosos, tal mal aparece como espíritos das trevas e demônios, porém, se estas figuras possuem o poder de nos afetar, significa que temos algo delas em nós, senão, não seríamos afetados.

Alves (2011), aponta um exemplo dessa situação: os pais evitam que os filhos entrem em contato com experiências negativas, porém, se observa que é possível desenvolver através das leituras, vivências, além de experienciar dilemas a serem resolvidos, bem como a capacidade de demonstrar compaixão, como vemos abaixo:

Uma livreira me contou. Um pai foi à livraria e comprou O patinho que não aprendeu a voar para o filho. No dia seguinte voltou muito bravo, levando o livro de volta. “Meu filho chorou ao final do livro. Ainda chora quando se lembra do patinho que não aprendeu a voar. Isso é livro para se dar a uma criança?”

Eu compreendo. Ele quer que o filho só tenha alegrias. Quer que os livros que o filho lê sejam engraçados e façam rir. As crianças não deveriam ler livros que fazem chorar.

Mas tristeza não é coisa ruim. A poesia brota da tristeza. [...] Por que é que o menininho chorou ao ler a estória do patinho que não aprendeu a voar? Porque sentiu aquilo que minha neta sentiu. Ela falou, em meio às lágrimas: “Vovô, eu não consigo ver uma pessoa sofrendo sem sofrer. Quando vejo uma pessoa sofrendo, o meu coração fica junto do coração dela...” Ela e o menininho sentiram compaixão. Seu coração ficou junto do coração de alguém ou de algum bichinho que estava sofrendo. Sofreram um sofrimento que não era seu (Alves, 2011, p. 14).

Os contos de fadas, trazem questões para a criança pensar e elaborar suas experiências a respeito de alguns temas. Por isso, é necessário que se investigue o porquê desses temas chamarem a atenção e serem lembrados pelas crianças. Para Bettelheim (1980), para que um conto seja facilmente lembrado pelas crianças, este deve estimular a curiosidade e diverti-la, porém, para desenvolvê-la, o conto deve instigar sua imaginação para que ela entenda suas emoções, fortaleça sua mente,

entenda e solucione seus problemas, ou seja, que utilize traços de sua personalidade, valorizando as conquistas da criança e facilitando sua autoconfiança.

Já para Von Franz (1985, p.2), os contos de fadas são mais facilmente lembrados e transmitidos graças aos seus elementos arquetípicos, que por sua vez são: "estruturas básicas do comportamento psicológico que pertencem à espécie humana em geral". Assim, os contos de fadas refletem essas estruturas, ajudando a compreendê-las, e discernir o que é ou não pessoal.

Pode-se observar que nas gerações passadas, que não possuíam rádios ou jornais, os interesses das pessoas estavam voltados em histórias, das quais se originaram os mitos. As histórias são contadas pois ainda se mostram interessantes e excitantes. No entanto, o que se observa na contemporaneidade é um direcionamento dos contos de fadas somente às crianças, tornando o material que reflete a base da estrutura psicológica humana apenas a um material infantil (VON FRANZ, 1985).

Bettelheim (1980), expõe que ultimamente as escolas estão destinando livros e cartilhas aos seus alunos. Essas cartilhas possuem como principal objetivo, oferecer o aprendizado à leitura, porém não é considerado o significado dessas leituras, pois, seu conteúdo é vazio e acrescenta muito pouco na vida das crianças, mesmo com a tentativa de divertir, informar e estimular seu aprendizado. Agregar leituras de valor futuramente, ainda se passa como uma "promessa vazia", já que em sua infância, as leituras não possuem significado.

Nos dias atuais, os contos de fada estão vinculados aos desenhos animados, mostrando uma função semelhante na percepção, no desenvolvimento e cotidiano da criança.

## **2.2. A influência dos desenhos animados**

As crianças adoram a televisão, devido as suas cores, histórias, movimentos, personagens etc., com isso, de acordo com Corso e Corso (2006), as crianças possuem muito interesse em novidades, em novos tempos como os nossos, as crianças possuem diversas opções de entretenimento, como os brinquedos, filmes e jogos diferentes. As crianças buscam maneiras de encontrar suas fantasias, através de brinquedos, jogos, livros, teatros, brincadeiras com outras crianças, programas de televisão e até contos de fadas. Quando as crianças crescem em um ambiente estimulador, se tornarão crianças curiosas e interessadas, visto que é importante um ambiente apoiador em todas as suas fantasias, brincadeiras e até pensamentos.

Boselli (2002, apud JÚNIOR; TREVISOL, 2009), cita que os desenhos animados podem expressar na maioria das vezes, os movimentos, seres, ações de uma maneira bastante acentuada, caricaturas, principalmente quando se tratam de animações voltadas para o humor, ou os desenhos chamados de cartoons. Mesmo que os desenhos animados possam trazer uma fonte de entretenimento e prazer para a criança, podem também demonstrar instrumentos que possuem muito valor no favorecimento de aprendizagem, desenvolvimento profissional e até no desenvolvimento pessoal. Pode-se até encaixar como as vidas das pessoas, já que podem despertar e oferecer novos sentidos, afetando as emoções de uma maneira duradoura e surpreendente, mostrando lições novas a cada momento.

Para Pougy (2005, apud JUNIOR; TREVISOL, 2009), a criança assim como se relaciona com aqueles que estão em sua volta, também se relaciona com a televisão, desta forma, para ela a televisão se constitui em um jogo simbólico, da mesma forma que funcionam em brincadeiras infantis. Os desenhos são um conjunto de estímulos visuais, auditivos, apresentam mensagens e informações de assuntos diversos. Essa ferramenta pode ser utilizada para despertar o interesse nas crianças, por causa das histórias apresentadas, dilemas que normalmente se mostram juntos com os conteúdos, favorecendo na maioria das vezes, um trabalho pedagógico, podendo beneficiar a criança que possui uma dificuldade de concentração, trabalhando o foco.

A narrativa já faz parte da vida de uma criança desde muito cedo, ainda quando bebês, ouvem a voz que amam, os sons de ninar, no carinho recebido, que quando vão se desenvolvendo, passam a dar lugar a cantigas, contos sobre natureza, animais e crianças. Desde cedo, as crianças já demonstram interesse pelas histórias e seus estímulos, demonstrando através das palmas, o sorriso e imitando um personagem que se identificou. Desta forma, é possível observar que as histórias, podem ser instrumentos para o desenvolvimento dela, então é interessante que essas narrativas sejam apresentadas para elas ainda pequenas (FARIAS; RUBIO, 2012).

Um ponto importante sobre o desenvolvimento da criança é destacado por Falconi e Farago (2015), que afirmam que as crianças interagem com as histórias que lhe são contadas, podendo aumentar detalhes ou lembrar de fatos que até a própria pessoa que conta a história pode não se lembrar. Dessa forma as histórias ajudam a criança na formação de sua identidade e na compreensão de suas relações familiares, além disso o autor também aponta sobre o vínculo que passa a se formar entre a criança e quem conta a história.

Os autores ainda destacam sobre o vínculo formado entre a criança e o contador de histórias, pois ao ouvir ou narrar uma história a quem se tem afeto é uma forma também, de compartilhar bons sentimentos, o que também gera interesse nas histórias inventadas ou pelas histórias de livros, misturando o real e o imaginário. Com isso, também se destaca a importância da leitura de histórias até para as crianças mais velhas que já sabem ler, pois isso também estimula seu pensamento e imaginação, além de sua criatividade e sua capacidade de recriar.

Além disso, Corso e Corso (2006), apontam que pelo fato de que as crianças já sabem utilizar sua imaginação e os contos que ouvem da maneira como precisarem, torna a ideia de que os contos possuem apenas um único significado. Com isso é necessário trabalhar a resolução de conflitos e a construção da identidade através da fantasia como algo de suma importância na infância. Esses autores também apontam que faz pouca diferença se o conto é uma história do passado ou se é um conto moderno, pois a identificação da criança com os personagens ainda ocorre e ainda há o fato de que a criança se interesse por narrativas mais excêntricas, mesmo que sem ligação com o mundo real e suas questões, pois todas as formas de linguagem interessam à criança e a auxiliam expressar suas necessidades e desejos.

A imaginação infantil pode proporcionar com que qualquer objeto se transforme em um brinquedo, atividade esta que ocorria com mais frequência em gerações passadas, que não possuíam tantos brinquedos e por vezes improvisavam com roupas, comidas etc. As novas crianças que não possuem tantas condições também acabam utilizando-se de sua imaginação para esses brinquedos, no entanto a maioria das crianças possuem em casa um brinquedo em comum, que é a televisão (TV). Os autores também acrescentam que é a atividade mais frequente utilizada por crianças em períodos extraescolares, não havendo medidas para que essa problemática seja evitada nem que haja intervenções produtivas a partir do uso da TV (PEREIRA; RUARO, 2009).

Pougy (2005 apud JÚNIOR; TREVISOL, 2009), acrescenta que a criança recebe as mensagens que vê na TV e as recria através de suas vivências, incorporando o que vê de modo criativo utilizando o que lhe faz sentido naquele momento. Sobre o tema dos desenhos animados, Boselli (2002 apud JUNIOR E TREVISOL, 2009), por sua vez, pontua que eles expressam os movimentos de objetos e seres muitas vezes de forma extravagante, principalmente os desenhos de humor. Além disso, os desenhos animados podem ser excelentes instrumentos tanto para

agradar a criança, como para facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, pois além de gerar interesse, estimulam sentidos, geram emoções além de mostrar várias lições.

Outro fator destacado por Brougère (1995 apud PEREIRA; RUARO, 2009), é que a TV, além de transmitir imagens e contextos que servem de fonte de inspiração para as atividades infantis, também auxilia a criança organizar sua percepção por seu contexto sociocultural e, assim, podendo transmitir a criança melhores informações sobre este contexto. Dessa forma a criança tende a brincar para expressar os afetos acumulados enquanto assiste às imagens observadas na TV.

Junior e Trevisol (2009), apontam uma outra questão que é a escala de valores sendo mais influenciada pela mídia televisiva do que pelos pais ou escola, além de que os pais passam a deixar seus filhos frente à TV, se afastando de suas responsabilidades paternas, o que faz a criança ser mais “cuidada” pela TV do que pelos próprios pais.

Borba (2009 apud PEREIRA; RUARO, 2009), aponta que algumas temáticas possuem uma relação entre os sujeitos, determinando tendências e comportamentos destes, pode-se dar como exemplo: o isolamento do indivíduo, diminuição do espaço físico, erotização infantil e uma exposição excessiva na qual a criança pode ter um acesso a informações prejudiciais, quando não possuem uma mediação de um responsável.

As autoras também apontam que a televisão, oferece à criança um acesso sem nenhuma restrição a diversos gêneros textuais, incluindo-a em uma circunstância abrangente, que pode ser produtiva ou prejudicial de acordo com a capacidade de compreensão da criança. De certa forma, não se pode negar que a televisão pode auxiliar na educação e formação da criança, tendo em vista os programas apresentados, além da dinâmica que a criança tem de repetir padrões de comportamento a partir de exemplos, mesmo que muitas vezes não haja um caráter pedagógico ou de certa forma direcionado a uma dinâmica escolar nos programas, por mais que pareçam educativos.

Seguindo este pensamento, Siqueira (2002), cita que a indústria cultural produz desenhos e com o tempo, lança novos personagens e histórias. Com o faturamento dessas, acabam gerando versões do desenho que vão para o cinema e novos produtos passam a ser lançados, como cadernos, mochilas, roupas etc. A partir disso Pereira e Ruaro (2009), apontam o surgimento de um consumo mais frequente que



chega a ser de um nível alarmante pela forma que isso atinge as crianças, pois além de um aumento do consumo de produtos relacionados a uma obra, há até novos comportamentos que surgem visando imitar o protagonista. Essa imitação do personagem altera as formas da criança se relacionar consigo e com seus pares. Nesse caso, a criança resolve suas dificuldades a partir das aventuras do personagem que entra no lugar do brinquedo. Há também um destaque das autoras sobre as meninas que passariam a tentar resolver seus dilemas como mágica, sem encarar a realidade de fato, passando a viver como uma princesa encantada em um conto de fadas.

Neste pensamento, Bettelheim (1980), aponta que é de grande importância nesta fase de desenvolvimento da criança, permitir com que a fantasia transite com a realidade, mas que exista um discernimento dos seus limites, já que o herói retorna a sua realidade.

Pereira e Ruaro (2009), problematizam a incorporação dos personagens ou das suas características, já que a mídia reforça e incentiva as crianças, oferecendo diversos produtos que permitem que o público infantil refaça o herói através de capas, máscaras, brinquedos, materiais, roupas etc., valorizando e fortalecendo a ideia do ter acima do ser, já que para ser como a Barbie, precisa ter o material utilizado por ela.

Ainda que essa maneira da criança imitar possa ser prejudicial, Bettelheim (1980), relata que quando nós acordamos, depois que sonhamos, temos o sentimento de renovação e nos sentimos mais aptos a enfrentar a realidade, nos contos de fada não é diferente, já que o herói termina voltando para sua realidade, ou com a devolução ao seu mundo real, mas com mais capacidade de enfrentar novos desafios da vida. Alguns estudos, mostraram para o autor que quando alguém é impedido de sonhar, ainda que não privado de dormir, sua capacidade de lidar com a realidade é prejudicada, podendo ter problemas emocionais, não elaborando em seus sonhos os problemas que estão em seu inconsciente.

As autoras Pereira e Ruaro (2009), apontam que os desenhos animados podem ser prejudiciais, devido a possibilidade de imitação de comportamentos agressivos observados nestes. Dessa forma, as brincadeiras das crianças podem se permear de condutas agressivas contra outros ou contra si mesmas. As autoras apontam inclusive, os índices elevados de transtornos, como pânico, obesidade, depressão, falta de atenção, hiperatividade e *bullying* (PEREIRA; RUARO, 2009).

Vale lembrar, conforme Pougy (2005 apud JÚNIOR; TREVISOL, 2009), que a TV não é boa nem má, ela pode ser qualquer coisa, de acordo com o propósito de sua utilização, já que a responsabilidade de acompanhar o desenvolvimento da criança é dos pais e não da TV. A partir disso, as crianças necessitam ser cuidadas de modo que sua vida tenha significado e que elas possam desenvolver sua autoestima, confiança e capacidade de explorar, tentar e confiar apesar dos fracassos e frustrações que possam ocorrer em sua vida.

## DISCUSSÃO

Observando as semelhanças entre os contos de fada e os desenhos animados na atualidade, este trabalho apresentou como objetivo investigar a importância dos desenhos animados no desenvolvimento infantil com base na teoria psicanalítica. Desta forma, foi possível observar algumas questões discutidas em seguida.

Inicialmente, para melhor explicar sobre o desenvolvimento infantil, Freud (1905), teorizou sobre as fases do desenvolvimento. Ressaltando a importância dessas fases, pontua que a infância é o período em que mais se absorve e se reproduz conteúdos observados. O autor ressalta que a investigação psicológica nas pessoas possibilitou a descoberta de que o que foi esquecido na infância, está ligada a traços internos da vida psíquica, sendo estes determinantes para o desenvolvimento pessoal.

Winnicott (1999), cita que para que o bebê consiga obter a capacidade de explorar o ambiente e se integrar a ele, ela precisa de um ambiente que favoreça o aparecimento dessas tendências. O autor também considera que um bebê no início da sua vida ainda não estabeleceu a delimitação entre o que se integra no não-EU e o EU, em que os primeiros relacionamentos e a forma em que o ambiente se comporta faz parte do bebê, que servirá para a integração e autonomia do sujeito e suas relações objetais.

Com isso, pode-se falar sobre como a projeção dos pais em relação aos seus filhos pode afetar neste desenvolvimento. Mannoni (1971 apud PRISZKULNIK, 1995), relata que os filhos acabam sendo marcados pelos seus pais, pela forma de como ela é esperada em seu nascimento e o que ela irá representar para os pais de acordo com suas experiências e vontades. Essas projeções inconscientes dos pais, poderão impactar na existência da criança. Caso haja uma impressão de impedimento das suas expressões, essa forma de manifestar seus sentimentos e pensamentos poderá acarretar na produção de sintomas e doenças. Percebemos então que a maneira que os pais se projetam em seus filhos, podem afetar suas expressões.

Quando os pais não permitem que seus filhos expressem seus sentimentos e pensamentos, contemplando-os de expectativas e desejos próprios, elas não absorvem conteúdos que podem auxiliar em seu desenvolvimento e não permite com que elas explorem seu meio e se integre, desta forma, é importante que os pais sejam esse ambiente facilitador para a exploração da criança.

Para que se compreenda um pouco sobre a influência dos desenhos animados, é necessário conhecer a priori a origem dos contos de fada. Sua origem é diversa, em alguns casos vindas de doutrinas religiosas, em outros casos de mitos, de partes da literatura e até podem surgir de sonhos que eram contados como histórias. Segundo Oliveira (2010), os contos são práticas narrativas antigas, porém as histórias não eram destinadas às crianças, pois eram mitos divulgados pelos hindus, gregos, judeus e persas, aos adultos. Desta forma, as primeiras histórias eram definidas como mitos, a fim de propagar contos que narram conflitos entre o homem e a natureza. Mesmo que inicialmente os contos não tivessem como destino as crianças, ao longo do tempo, os adultos passaram a perder o interesse, deixando-as em segundo plano e designando-as ao universo infantil.

Como os contos de fada passaram por uma reformulação para se tornar mais acessível às crianças, também passaram a se tornar histórias que não possuíssem nenhum tipo de frustração uma vez que, equivocadamente, a expressão de sentimentos negativos passaram a ser compreendidos como prejudiciais às crianças. De acordo com Bettelheim (1980), os contos de fadas podem estar a serviço do desenvolvimento positivo da criança, mas há uma ideia geral por parte dos pais e até de outros cuidadores, de que a criança deve evitar entrar em contato com aquilo que a perturba, ou seja, suas ansiedades caóticas sem nome, sem forma, que podem ser raivosas e até violentas.

Dessa forma a criança passa a entrar em contato, seja por vontade de seus pais, como também de cuidadores, apenas com imagens agradáveis, positivas e boas em geral, para que se veja apenas o lado agradável de tudo. Conseqüentemente, uma visão parcial gera apenas um desenvolvimento parcial, a partir disso, fica mais difícil que as crianças saibam que boa parte de nossas falhas vem de nosso modo de agir, podendo passar a acreditar que todas as pessoas são boas, mesmo que saibam que elas mesmas não são totalmente boas, o que entra em conflito com o que os pais dizem, fazendo com que se sintam deslocadas, pois não são boas tal como a imagem idealizada do bem que chega a elas.

Nos dias atuais, os desenhos animados podem ser considerados os contos de fadas representados na televisão, já que em muitos contos antigos como por exemplo, o da Chapeuzinho Vermelho, passaram a ser apresentados em animações. De acordo com alguns autores, o livre e excessivo acesso, pode servir como um instrumento no

desenvolvimento saudável da criança, porém para outros autores, pode significar o distanciamento da educação.

Corso e Corso (2006), observam a televisão e os desenhos animados como um instrumento positivo no desenvolvimento da imaginação das crianças, informando que as crianças apresentam bastante interesse em novidades, já que possuem diversas opções de entretenimento, como brinquedos, filmes e jogos. As crianças buscam formas de encontrar suas fantasias, de várias maneiras, dentre elas, os programas de televisão e até contos de fadas. Quando as crianças crescem em um ambiente estimulante, se tornarão crianças curiosas e interessadas, visto que é importante um ambiente que apoie as suas fantasias, brincadeiras e até seus pensamentos.

Essa ideia é reforçada quando Boselli (2002 apud JÚNIOR; TREVISOL, 2009), expõe que os desenhos animados podem expressar na maioria das vezes, os movimentos e ações de uma maneira bastante acentuada, caricaturas, principalmente quando se tratam de animações voltadas para o humor, ou os desenhos chamados de cartoons. Mesmo que os desenhos animados possam trazer uma fonte de entretenimento e prazer para a criança, podem também demonstrar instrumentos que possuem muito valor no favorecimento de aprendizagem, desenvolvimento profissional e até no desenvolvimento pessoal.

Em contraponto, Pereira e Ruaro (2009), mencionam que os desenhos animados em relação à mídia podem ser prejudiciais. Também apontam que os desenhos animados podem gerar imitação de comportamentos agressivos observados em desenhos animados, desta forma, as brincadeiras das crianças acabam gerando condutas agressivas contra outras pessoas ou contra si mesma, além disso, as autoras apontam os índices elevados de transtornos como pânico, obesidade, depressão, falta de atenção, hiperatividade e *bullying*.

Desta forma, podemos dizer que os desenhos animados possuem uma grande influência no desenvolvimento da criança, já que é durante a infância que é absorvido e reproduzido conteúdos observados, porém, para que essa reprodução seja positiva, é importante que os pais sejam facilitadores para a exploração da criança, bem como mediadores e percebam o conteúdo que a criança está consumindo e como os desenhos que ela assiste podem favorecer em seu aprendizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa poderá ser aprofundada futuramente através de novos estudos, o que poderá auxiliar na visão de educadores e pais, sobre a importância dos desenhos animados na vida da criança.

Pode-se desta forma, responder a seguinte questão: como os desenhos animados podem influenciar no desenvolvimento infantil? Os desenhos animados são absorvidos e reproduzidos pelas crianças no objetivo de buscar maneiras de encontrar a realização de suas fantasias, podendo servir de modelo idealizado pela criança para o desenvolvimento da sua personalidade, tornando crianças interessadas e curiosas quando crescem em um ambiente em que as estimulam.

Os pais, às vezes, criam uma representação de como funcionará o processo de desenvolvimento da criança, almejando que o processo ocorra como eles querem, o que pode gerar futuramente, conflitos infantis e frustrações caso haja uma falha da criança, prejudicando o desenvolvimento de um vínculo afetivo.

Além dos desenhos animados trazerem uma fonte de entretenimento para a criança, podem ser instrumentos que facilitam no processo de aprendizagem, despertando novos sentidos na vida da criança, gerando um interesse por conta das histórias apresentadas e trazendo dilemas que podem favorecer um trabalho pedagógico.

Quanto à identificação da criança com os desenhos, estes reforçam a identidade da criança pela identificação com o personagem, sendo favorável no desenvolvimento, visto que estimula a criança a enfrentar a realidade e os desafios da vida. Por outro lado, a identificação com alguns desenhos pode gerar imitação de comportamentos agressivos que foram observados, gerando condutas agressivas e sendo possivelmente prejudicial no desenvolvimento da criança. Recomenda-se que haja um meio termo e para isso os responsáveis precisam mediar o conteúdo consumido pela criança, auxiliando no processo de desenvolvimento e aprendizado.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A pedagogia dos Caracóis**. Campinas, SP: Verus, 2011.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise nos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

ATKINSON, Rita L.; ATKINSON, Richard C.; SMITH, Edward E.; BEM, Daryl J.; NOLEN-HOEKSEMA, Susan. **Introdução a Psicologia de Hilgard**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CORSO, Diana. Lichteinsten.; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FALCONI, Isabela Mendes.; FARAGO, Alessandra Corrêa. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**. Bebedouro-SP, 2015. Disponível em: <<https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200330.pdf>>. Acesso em 03 jun. 2021.

FARIAS, Francly Rennia Aguiar de; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v.3, n.1, 2012.

FREUD, Sigmund (1905). A Sexualidade Infantil. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. Trad. P. C. Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016, p 73-120.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

PRISZKULNIK, Léia. A criança sob a ótica da Psicanálise: algumas considerações. **Psic**, São Paulo, 2004, v. 5, n. 1, p. 72-77. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-73142004000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142004000100009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 03 jun. 2021.

SAFRA, Gilberto. **Curando com histórias: a inclusão dos pais na consulta terapêutica das crianças**. São Paulo: Sobornost, 2005. 100p.

JÚNIOR, Adhemar G. da Silva.; TREVISOL, Maria Teresa Ceron. Os desenhos animados como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da moralidade. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE; III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**, 2009. Disponível em: <https://bityli.com/cFANA>. Acesso em: 15 març. 2021.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Ciência e poder no universo simbólico do desenho animado. **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**, 2002, p. 107-119. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/2b2dcdefd30d598a5fcc61ab5914af10.PDF>. Acesso 10/10/2021

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui; HASHIMOTO, Francisco. A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. Gerais, **Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 166-178, jul. 2013. Disponível em <https://bitlybr.com/Jyr5M>. Acesso em 30 nov. 2020.

VON FRANZ, Marie-Louise, **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1985.

ZAVARONI, Dione de Medeiros Lula; VIANA, Terezinha de Camargo; CELES, Luiz Augusto Monnerat. A constituição do infantil na obra de Freud. **Estud. Psicol. (Natal)**, Natal, v.12, n. 1, p. 65-70, Apr. 2007. Disponível em: <https://bitlybr.com/HBRJ>. Acesso em 25 Apr. 2021.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v.42, n.2, p.453-470, jun. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/33Z0JZO>. Acesso em 19 maio 2021.